

A Ciência Aberta e o Grupo Texto Livre por uma educação libertadora

Open Science and the Texto Livre Group for a liberating education

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2022v40n86p21-40>

ELAINE TEIXEIRA¹

BÁRBARA AMARAL DA SILVA²

FÁBIO DOS SANTOS CORADINI³

LOHAINE MIGUEZ-MARTINS⁴

RESUMO: Este capítulo tem como principal objetivo apontar a importância do Texto Livre (TL) para a difusão do conhecimento e para a educação por meio da Cultura Livre, como também apresentar alguns *softwares* que são usados pelo TL na organização dos eventos UEADSL e CILTec – Online, que são produzidos pelo grupo para uso externo. Procura, ainda, apresentar as produções dos eventos como recursos educacionais abertos (REA), visto que a filosofia do grupo se alinha aos princípios e características dos REA. Consideramos que, em seus 16 anos, o Texto Livre comprova que é possível a promoção e o incentivo à produção e compartilhamento do conhecimento com base na Cultura Livre e na Ciência Aberta.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência aberta; educação libertadora; Texto Livre.

ABSTRACT: This chapter's main objective is to show the importance of the Texto Livre (TL) Group for the dissemination of knowledge and for education through Free Culture, as well as to present some software that are used by TL in the organization of two events, UEADSL and CILTec – Online, in addition to present software that are produced by the group for external use, and also to point out the events' productions as open educational resources (OER), since

1. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
2. University of Windsor, Windsor, ON, Canadá.
3. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
4. Universidade Candido Mendes, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil

the group's philosophy is aligned with the principles and characteristics of OER. We believe that, in its 15 years, the Texto Livre proves that it is possible to promote and encourage the production and sharing of knowledge based on Free Culture and Open Science.

KEYWORDS: Open science; liberating education; Texto Livre.

INTRODUÇÃO

O Grupo de Pesquisa Texto Livre (TL) tem buscado inserir em suas atividades as práticas da educação libertadora paulofreireana desde a sua fundação, em 2005, com base na Cultura Livre (CL) e na Ciência Aberta (CA), por acreditar que o conhecimento não é privilégio apenas de um, mas de todos aqueles que almejam uma educação equitativa, inclusiva e de qualidade.

O TL, filiado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com sua sede na Faculdade de Letras, Belo Horizonte/MG e registro no CNPq⁵, é fundamentado em quatro princípios norteadores: 1) a colaboratividade – o trabalho em equipe faz com que todos cresçam de forma igualitária; como afirma Matte (2018, p. 208), “o trabalho em grupo tende a enriquecer o processo, tanto pelas discussões temáticas quanto pela necessidade de engajamento e busca criativa por soluções”; 2) o compartilhamento – associa-se ao primeiro princípio no sentido de que o conhecimento compartilhado favorece a todos; 3) uso de *software* livre – permite ao usuário liberdade para executar, mudar e redistribuir *softwares*, e essas funções são fundamentais para o trabalho colaborativo e para o compartilhamento de saberes; 4) o respeito à diversidade – esse princípio sustenta todos os anteriores, pois sem respeito à diversidade e individualidade não há como promover o crescimento coletivo.

Alinhado a esses princípios, destaca-se a produção de *softwares* livres para a organização de eventos online, para o ensino de línguas e para a pesquisa científica. Além disso, o TL gerencia três eventos acadêmicos, o STIS (Seminários Teóricos Interdisciplinares do SEMIOTEC), o CILTEC – Online (Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online) e o UEADSL (Congresso Nacional Universidade EAD e *Software* Livre) – todos produzidos e organizados com *software* livre, como a plataforma Moodle e a plataforma OJS para hospedagem dos Anais dos eventos e da *Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*. Por fim, vale ressaltar a criação da Editora Texto Livre, responsável tanto pela *Revista* quanto pela *Coleção Texto Livre*:

5. O certificado do TL pode ser acessado em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4246802692010460>.

Pensemundo o mundo, que incentiva a publicação de obras com base na Cultura Livre. Por oferecer tantos serviços (Revista, Editora, Eventos e Recursos) e contar com a colaboração de várias pessoas em diversas funções, consideramos o Texto Livre uma grande Cidade (figura 1), que oferece acesso às mais diversas formas de contato com a Cultura Livre.



Figura 1: Cidade Texto Livre

O objetivo deste trabalho é, portanto, apresentar esta Cidade, que comemora, em 2022, seus 16 anos, evidenciando sua importância para a difusão do conhecimento e para a educação por meio da Cultura Livre e da Ciência Aberta. Para tanto, primeiramente, abordaremos a relação entre Cultura Livre e educação libertadora, colocando o TL como agente significativo nesses processos; em seguida, apresentaremos o TL como propagador de uma educação democrática a partir da produção e do uso de *softwares* livres. Por fim, destacaremos as produções da Editora Texto Livre como Recursos Educacionais Abertos (REA), sendo esta mais uma contribuição do Grupo para uma educação aberta, livre e libertadora.

A CULTURA LIVRE PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

A materialização da criatividade humana se reflete no esforço de criação de algo novo e inovador. Dentre os diversos autores que conceituam “inovação”,

Schumpeter (1934) a define como uma nova combinação de um conhecimento novo ou existente, além de recursos, equipamentos e outros fatores já citados. O autor diferencia, ainda, “inovação” de “invenção”, por esta não ser, necessariamente, uma criação com valor de mercado.

Quando uma inovação surge no mercado, ela é fruto, em geral, do esforço de uma ou mais pessoas que investiram tempo, dinheiro, capital intelectual e outros recursos para sua realização. Com isso, na visão da sociedade contemporânea, parece justo que alguma retribuição seja atribuída àquele ou àqueles que tornaram possível a inovação. Essa retribuição acontece, muitas vezes, de forma financeira, o que, no inglês, é definido pelo termo *royalty*.

O pagamento desses *royalties* advém do conceito prévio de que o criador de uma inovação tem propriedade sobre o produto resultante de seu esforço intelectual, e que, portanto, merece uma compensação pelo uso que terceiros podem fazer de sua criação. Dessa situação, surge o conceito de propriedade intelectual.

A questão do *royalty* sempre foi polêmica; prioritariamente, pelas implicações mercantilistas características de seu viés mais capitalisticamente selvagem. Essa polêmica é retratada por Lessig (2004), em seu livro *Cultura Livre*, que apresenta um panorama de como o foco prioritário no lucro comercial, alavancado pelas organizações empresariais, torna o *royalty* uma faca de dois gumes. Concebido originalmente para remunerar o proprietário intelectual de uma inovação, o *royalty* acaba, também, tornando-se um freio ao surgimento de inovações quando aplicado indistintamente, pois, segundo Lessig (2004), algum grau de repetição precisará existir para que surja uma nova ideia ou uma inovação.

Desse contexto, destaca-se o conceito de Cultura Livre (*Free Culture*, em inglês), que se evidencia como um movimento social, tendo como um dos precursores o escritor estadunidense Stewart Brand. Entre 1968 e 1972, Brand publicou o contracultural *The Whole Earth Catalog* (Catálogo de Toda a Terra, tradução livre), uma publicação periódica considerada como o marco inicial da *Free Culture*. Posteriormente, no pré-avorecer da internet, Brand fundou, em 1985, a Well (*Whole Earth 'Lectronic Link*), que foi considerada a primeira comunidade aberta online (CADWALLADR, 2013; OPEN CULTURE, 2011).

Partindo da máxima de Brand de que “a informação necessita ser pública” (POLK, 2003), o termo *free* (traduzido como “livre” na língua portuguesa) faz jus às suas origens contraculturais. A palavra representa, nesse contexto, uma oposição às formas de dominação mercantilista das organizações empresariais, que têm

como prioridade o lucro comercial por meio de *royalties* (advindos da propriedade intelectual das inovações), em detrimento da livre manifestação criativa das ideias por *benchmarking* (aprimoramento contínuo).

Como movimento cultural, o conceito de Cultura Livre se manifesta nas várias facetas da sociedade contemporânea. Como exemplos, têm-se, no contexto da computação, os conceitos de *hardwares* e *softwares open/free* (abertos/livres). Nesses dois conceitos, as possibilidades de inovações se tornam significativamente maiores, uma vez que o desenvolvimento de *hardwares* e de *softwares* ocorrem de maneira descentralizada e colaborativa, não estando, ainda, necessariamente atrelados ao pagamento de *royalties* para os desenvolvedores que detêm a propriedade intelectual de máquinas e programas (OPEN SOURCE, 2007).

Em termos práticos, o conceito de *hardware* aberto se evidencia em projetos como as placas de circuito integrado Arduíno e Galileu. Já o conceito de *software* livre se evidencia em projetos como a Licença Pública Geral GNU (FREE SOFTWARE FOUNDATION, 2021), o sistema operacional Linux (LKO, 2021), os formatos abertos de documentos (*Open Document Format – ODF*), normatizados no Brasil pela NBR ISO/IEC 26300 (ABNT, 2008), e a suíte *Office LibreOffice* (LIBREOFFICE, 2021), que utiliza o ODF como padrão.

Na área acadêmica, esse movimento se expressa no conceito de *Open Science* (Ciência Aberta) e *Open Innovation* (Inovação Aberta). Em oposição ao conceito de Ciência Fechada, em que o processo de inovação é estimulado por patentes e *royalties*, os conceitos de Ciência Aberta e Inovação Aberta buscam estabelecer modelos que permitem o desenvolvimento das pesquisas científicas e inovações em rede, de forma colaborativa e livre das restrições das patentes da propriedade intelectual (RAMIREZ-MONTOYA; GARCIA-PEÑALVO, 2018).

Desse modo, o processo de produção de inovações não fica restrito às questões de *royalties* e propriedade intelectual trazidas no início desta seção, e podem se desenvolver de modo mais amplo e democrático, com possibilidades de impactos sociais positivamente mais abrangentes.

Cabe mencionar que a Ciência Aberta se inspirou no movimento do *software* livre para a difusão do conhecimento científico, de modo que todos e todas possam ter acesso livre e aberto às publicações científicas, aos dados de pesquisas, aos *softwares* e *hardware* abertos e aos recursos educacionais abertos, podendo usar, reutilizar e redistribuir as produções sem que elas sejam necessariamente produzidas por autores(as) conhecidos(as) ou editoras. Espera-se que essas produções

oportunizem a outras vozes o compartilhamento de saberes múltiplos e o trabalho colaborativo em rede, como afirmam Albagli, Clinio e Raychtock (2014, p. 435):

Aí estão incluídas desde a disponibilização gratuita dos resultados da pesquisa (acesso aberto), até a valorização e a participação direta de não cientistas e não especialistas no fazer ciência, tais como “leigos” e “amadores” (ciência cidadã).

Além disso, na CA encontramos algumas iniciativas que corroboram os ideais que buscamos apresentar neste trabalho, como: o Acesso Aberto a publicações, conhecido como *OpenAccess*, que disponibiliza de forma “ampla e gratuitamente a literatura científica, permitindo a qualquer pessoa acessar, fazer download, imprimir, copiar e distribuir o texto integral de publicações científicas” (ALBAGLI; CLINIO; RAYCHTOCK, 2014, p. 438); a Educação Aberta, que engloba práticas, como a produção e distribuição dos REA por meio das licenças abertas e ferramentas livres que possibilitem a melhoria dos materiais educativos, favorecendo a “colaboração, a descoberta e a produção de conhecimento de forma conjunta entre educadores e estudantes.” (ALBAGLI; CLINIO; RAYCHTOCK, 2014, p. 439); e as ferramentas e materiais científicos abertos, como o *software* livre, elementos importantes para a filosofia do Grupo Texto Livre.

Na área da Educação, os impactos da Cultura Livre ficam evidentes pela possibilidade de se ampliar as interações colaborativas entre os atores (discentes e docentes) educacionais (MANSUR, 2011, MANSUR *et al.*, 2010). Além disso, a Cultura Livre se caracteriza como um movimento social que, na Educação, estimula princípios que promovem inclusão e colaboração entre os atores do processo educacional, a exemplo do Texto Livre.

TEXTO LIVRE: PRODUÇÃO E USO DE SOFTWARES LIVRES

Antes de apresentar alguns dos *softwares* livres produzidos, além de outros que também são usados pelo Grupo Texto Livre, faz-se necessário entender um pouco sobre eles e também conhecer a sua história. Assim, será possível compreender a importância do *software* livre no Grupo Texto Livre para uma educação acessível e democrática.

Os primeiros projetos de máquinas programáveis surgiram por volta de 1835, momento em que Charles Babbage descreve sua máquina Analítica. De acordo com Saxena (2009), essa máquina era um projeto de um computador programável

de propósito geral, empregando cartões perfurados para entrada e uma máquina de vapor para fornecer energia.

Conforme Bonilla (2014), de modo simples, *software* é um programa que faz o computador funcionar, sendo necessários diferentes programas para realizar diferentes funções na máquina (*hardware*). Para produzir um *software*, é necessário criar uma rotina de comandos, chamada de código fonte, usando uma linguagem de programação, bem semelhante à linguagem humana, combinada a códigos e sistemas lógicos. Entretanto, para ser lida pelo computador, é preciso que essa rotina de comandos passe pelo que se conhece como compilação, quando o código fonte é transformado em código objeto ou código binário, isto é, uma linguagem compreendida pela máquina, mas não pelos homens. Nesse sentido, por ser inteligível aos homens, o código fonte, ao contrário do código binário, é “aquele que, do ponto de vista da produção do conhecimento, da fonte da informação, agrega o maior valor, pois é ele que fornece todas as informações necessárias para a compreensão, estudo e inovação tecnológica” (BONILLA, 2014, p. 207).

Com o crescimento da área de tecnologia e com o surgimento de diversas máquinas e diferentes programas, os *softwares*, que, até então, eram livres, passaram a ser comercializados, integrados, ou não, aos computadores. O código fonte passa a não ser mais compartilhado, ficando sob controle da empresa criadora. O *software*, então, é chamado proprietário, ou privado, já que apenas seu código objeto é comercializado, juntamente com licenças de uso. Esse modelo de produção foi chamado “modelo catedral” e, ainda conforme Bonilla (2014, p. 209), é “fechado e hierarquizado”, uma vez que, para resolução de problemas ligados aos programas, apenas a empresa criadora pode realizar ajustes, o que pode demorar muito tempo. Além disso, essas empresas acabam se tornando potências, uma vez que os custos de produção de um *software* são extremamente baixos.

Tentando alterar o modo de produção de *softwares*, por volta de 1988 teve início o movimento a favor do *software* livre, isto é, da liberação de conhecimento. O fundador desse movimento foi o ativista americano Richard Stallman, que criou a *Free Software Foundation* (Fundação para o *Software* Livre), organização sem fins lucrativos “que se dedica à eliminação de restrições sobre uso, cópia, estudo, modificação e redistribuição de programas de computador” (BONILLA, 2014, p. 209). Corroboramos a pesquisadora ao defender que a opção pelo *software* livre é filosófica e política, pois procura descentralizar a informação e o conhecimento, tentando romper um ciclo de exclusão, e diminuir a assimetria entre os produtores e a sociedade.

Silveira (2005) vai ainda mais longe ao relacionar exclusão digital e social com os *softwares* proprietários, lembrando a importância dos *softwares* livres para a educação, uma vez que estes são mais baratos, embora nem sempre gratuitos. Isso garantiria grande economia para o Estado, que poderia, assim, investir tecnologicamente em mais lugares (escolas, bibliotecas), sem ter que pagar *royalties* ao exterior, e poderia, também, destinar verbas à educação digital de professores. Nas palavras do autor,

O compartilhamento do software e demais produtos da inteligência coletiva é decisivo para democratização dos benefícios tecnológicos e precisa ser incentivado. Desse modo, as políticas de inclusão digital não podem servir à manutenção e à expansão do poder das megacorporações do localismo globalizado. Devem incentivar a desconcentração de poder e não os monopólios. Devem incentivar o desenvolvimento e autonomia das localidades, regiões e nações pobres e não sua subordinação às cadeias de marketing do mundo rico. Devem incentivar a liberdade e não o aprisionamento às redes privadas. Devem consolidar a diversidade e não a monodependência. Devem ser software livre. (SILVEIRA, 2005, p. 483).

No Brasil, esse movimento teve início da década de 1980, mas nunca foi um processo fácil. A fim de contribuir para a educação acessível e democrática, o Grupo Texto Livre tem atuado como uma verdadeira fábrica de *softwares* livres⁶, criando, principalmente, programas para ensino, pesquisa e eventos, alguns dos quais apresentaremos de agora em diante. Na categoria de *softwares* para o ensino, destacamos:

- “Crases” (figura 2): programa que analisa a colocação de crases em frases, apresentando explicações que possibilitam verificar se o uso foi adequado ou não;



Figura 2: Software “Crases”

6. Cf. FÁBRICA DE SOFTWARE LIVRE. Disponível em: <https://eventos.textolivre.org/moodle/course/view.php?id=14>. Acesso em: 04 out. 2021.

- “Gramática Online” (figura 3): cujo objetivo principal é disponibilizar recursos para o estudo de tópicos relacionados à Língua Portuguesa, como o Novo Acordo Ortográfico, concordâncias verbal e nominal, regência entre outros;



Figura 3: Software “Gramática Online”

- “Vírgulas” (figura 4): seu objetivo é auxiliar o estudo sobre a colocação de vírgulas e, atualmente, encontra-se em sua fase alfa.

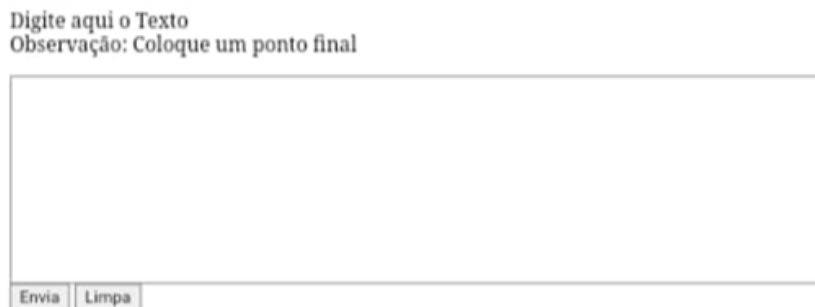


Figura 4: Software “Vírgulas”

Já na categoria de *softwares* para pesquisa destacamos o “Videoteca” (figura 5), que serve como repositório de vídeos e outras mídias, como slides e áudios.



Figura 5: Software “Videoteca”

Já mencionamos anteriormente que o TL organiza três eventos acadêmicos anuais, o Congresso Universidade EAD e *Software Livre* (UEADSL), o Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online (CILTec-online), antigo Encontro Virtual de Documentação em *Software Livre* (EVIDOSOL), e os Seminários Teóricos Interdisciplinares do SEMIOTEC (STIS), cada um com especificidades em sua construção, missão e visão dentro do espaço acadêmico. Para auxiliar na realização de seus próprios eventos, mas também para todos aqueles que tiverem interesse, o TL ainda criou *softwares* para eventos:

- “Chatslide”: permite o uso de recursos online visuais e sonoros junto às interações no chat em uma mesma janela do navegador;
- “PapersEvidosol”: criado para possibilitar o login único e a integração de sistemas para eventos online.

Além de criar esses *softwares* livres, o TL sempre recorre a outros programas de código aberto para a realização de seus eventos. Aqui, destacaremos apenas um deles, o Moodle (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*). Essa plataforma permite conexões síncronas, isto é, comunicação que acontece de forma sincronizada, de modo que os participantes podem se encontrar em um mesmo espaço (físico ou online) em tempo real, e assíncrona, quando esta comunicação acontece em um modelo diferido, ou seja, não se encontra sincronizado simultaneamente. Essas funcionalidades são permitidas devido a uma linguagem denominada LMS (*Learning Management Systems*) (Sistemas de Gestão de Aprendizagem, em tradução livre), mecanismo da plataforma que permite que os eventos, aulas e outros desenhos didáticos possam ser idealizados a partir de uma didática online capaz de permitir o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com o Moodle.org, a plataforma tem como característica ser um *open-source*, além de possuir uma licença regida pela GNU (*General Public License*), o que permite uma grande aplicabilidade da plataforma, seja para fins comerciais ou não comerciais. Ainda de acordo com o site, as estatísticas apontam que o Brasil se encontra entre os 10 países do mundo com o maior número de sites registrados, ou seja, esta plataforma é uma das mais utilizadas para a construção dos mais diversos desenhos didáticos formais e informais.

O Moodle apresenta muitas possibilidades de configurações, atividades e recursos, que podem ser utilizados e remodelados de acordo com o desenho didático proposto, pois suas ferramentas dialogam com as propostas estabelecidas e os objetivos a serem atingidos. Em relação aos eventos organizados pelo TL, que, em sua maioria, mesclam momentos síncronos e assíncronos, há um “aproveitamento dos recursos do Moodle, para criar ambientes de aprendizagem que facilitem a emergência de relações de compartilhamento e colaboração, ou mesmo a emergência de verdadeiras comunidades de prática” (MATTE, 2021, p. 224). Nesse sentido, destacamos: as salas de videoconferências, em que pesquisadores convidados realizam apresentações e palestras com dias e horários marcados; os fóruns, que atendem a diversas finalidades ligadas aos momentos assíncronos dos eventos, como a comunicação entre os organizadores e a comissão científica, servindo também como local de exposição de trabalhos na modalidade comunicação ou *podcast*, isto é, onde ficam expostas suas informações e onde os participantes podem dialogar uns com os outros; os grupos, que ajudam a organizar os participantes em suas respectivas funções no evento, como autor de trabalho, conferencista, parecerista, coordenador

de mesa etc.; as pastas, que servem para compilar vários arquivos para *download*, a exemplo dos tutoriais que auxiliam os participantes a usarem a plataforma.

AS PRODUÇÕES COMO RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS (REA)

Os princípios que norteiam o Grupo Texto Livre inserem as produções realizadas, tanto as dos eventos como as produções da Editora Texto Livre, no contexto da produção de REA, visto que ambos, TL e REA, constituem resultados da Ciência Aberta e da Cultura Livre.

Os REA foram definidos oficialmente pela UNESCO em 2002 como sendo todo e qualquer material para o ensino e a aprendizagem em qualquer formato livre e com licenças abertas, permitindo que sejam reutilizados ou readaptados por outras pessoas. Em 2019, na 40ª Assembleia Geral da UNESCO, foi aprovada uma recomendação para os REA, definindo que

Os recursos educacionais abertos REA são materiais de aprendizagem, ensino e investigação, em qualquer formato e suporte, de domínio público ou protegidos por direitos autorais e que tenham sido publicados com uma licença aberta que permite o acesso a eles, assim como sua reutilização, recombinação, adaptação e redistribuição sem custo algum por parte de terceiros (UNESCO, 2019, p. 3, tradução nossa⁷).

Assim, para que um recurso seja considerado como REA é importante que ele seja produzido em formatos abertos que facilitem a (re)adaptação por terceiros, além das licenças abertas, que permitirão que os materiais possam ser usados, mas sem ferir os direitos legais de quem os criou. Para esse fim, em 2001, Lawrence Lessig, professor da Universidade de Stanford, fundou a organização sem fins lucrativos *Creative Commons* (CC). Essa organização se tornou um marco para a flexibilização dos direitos autorais, indo na contramão da Lei 9.610/98 de direitos autorais, segundo a qual o detentor exclusivo de determinada produção seria o autor e caberia somente a ele autorizar a sua circulação. Nesse sentido, conforme a Lei, a reprodução não autorizada do material ainda poderia sancionar civilmente

7. No original: “Los recursos educativos abiertos (REA) son materiales de aprendizaje, enseñanza e investigación, en cualquier formato y soporte, de dominio público o protegidos por derechos de autor y que han sido publicados con una licencia abierta que permite el acceso a ellos, así como su reutilización, reconversión, adaptación y redistribución sin costo alguno por parte de terceros.”

e criminalmente o responsável pela disseminação. Lessig (2004, p. 255), define as licenças *Creative Commons* da seguinte forma:

Uma licença *Creative Commons* constitui uma garantia de liberdade para qualquer um que acessa o conteúdo, e mais importante, uma expressão de um ideal, em que a pessoa associada à licença mostra que acredita em algo mais do que os extremos “*Todos*” ou “*Nenhum*”. O conteúdo é marcado com a marca (cc) ou CC, que não indica que se abriu mão do copyright, mas que certas liberdades foram dadas.

É importante saber que as licenças abertas CC não retiram a autoria de seus criadores, pelo contrário, elas, além de indicar quem é o criador, permitem que outros também se tornem autores e, juntos, construam, de forma colaborativa, novos saberes, ampliando o acesso ao conhecimento. Assim, é o(a) autor(a) quem decide qual permissão ele(a) quer conceder ao seu material.

Sobre as licenças *Creative Commons* e direito dos autores, cabe dizer que

Eles podem restringir o seu uso comercial, se desejarem, e podem proibir a adaptação do material, quando cabível. Portanto, um autor que licencia o seu trabalho com uma licença *Creative Commons* (CC) busca especificamente reter seus direitos autorais sobre aquela obra, mas concorda (por meio de uma licença) em abrir mão de alguns desses direitos (BUTCHER, 2011, p. 8).

Para entender como funcionam as licenças abertas CC, apresentamos abaixo algumas de suas características:

- elas estão divididas em seis categorias, que vão da menos restrita à mais restrita;
- elas são definidas por meio das combinações: atribuição da autoria (BY), compartilhamento pela mesma licença (SA), uso não comercial (NC) e vedação à criação de obras derivadas (ND).

Com base nesses esclarecimentos sobre o que são REA e sobre as licenças abertas *Creative Commons*, apresentaremos a seguir algumas das produções do Grupo Texto Livre com as características dos REA, porém com um caráter inovador dentro do próprio Grupo, como menciona Matte (2018, p. 13):

[...] a produção de REA ganha, no grupo, um caráter inovador, já que não está limitada a materiais estáticos (conteúdos em arquivos de texto ou slides para estudo individual, planos de aula e sequências didáticas, tutoriais e manuais, em PDF, vídeos e podcasts) os quais, no máximo, permitem a interação em fóruns ou conversadores, mas compreende também a criação de REA dinâmicos, softwares livres para o ensino de línguas que não trazem respostas, mas que, antes, promovem reflexões sobre a escrita, a partir da desconstrução do texto, conforme seu objetivo.

Os REA produzidos pelo TL são feitos com *software* livre ou de código aberto, como o *Open Journal System* (OJS) para os Anais dos dois eventos organizados pelo Grupo: o EVIDOSOL/CILTec – Online⁸ (figura 6), e o UEADSL⁹ (figura 7):

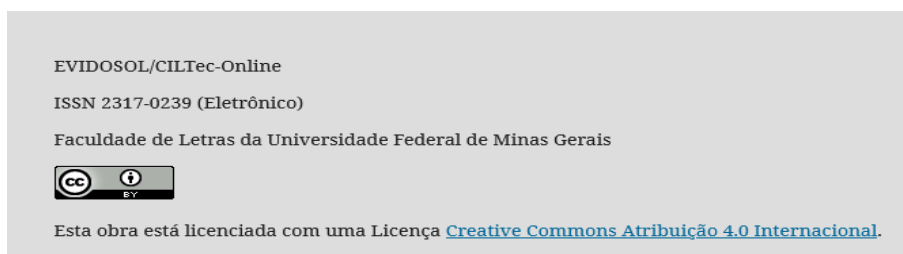


Figura 6: Anais do EVIDOSOL/CILTec – Online

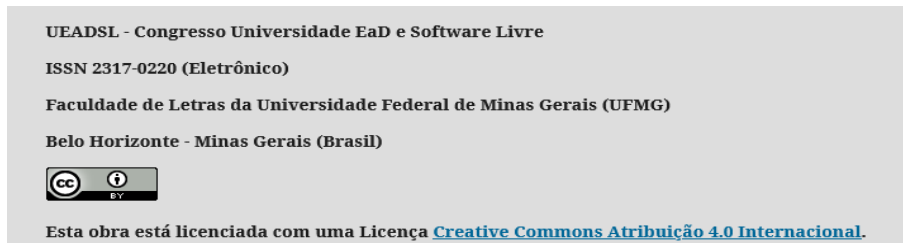


Figura 7: Anais do UEADSL

Ressaltamos que as publicações das conferências realizadas no STIS são feitas pela revista *Texto Livre*.

8. <https://nasnuv.com/ojs2/index.php/CILTecOnline>.

9. <https://revistas.nasnuv.com.br/index.php/UEADSL>.

Além das produções dos eventos, há também a Editora composta pela revista eletrônica *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*¹⁰ e pela *Coleção Pensemeando o mundo*¹¹, que incentiva e apoia a publicação de obras com base na Ciência Aberta para acesso livre e gratuito para uma educação libertadora. Atualmente, a *Coleção Pensemeando o mundo* é composta por cinco obras licenciadas com uma licença CC – BY e publicadas em parceria com a Pedro e João Editores, responsável pela emissão do ISBN, impresso e digital, das publicações (figura 8).



Figura 8: Coleção Pensemeando o Mundo

Os REA possuem uma licença aberta *Creative Commons CC – BY*, que é a menos restrita, por permitir que os usuários do seu material possam distribuir, remixar, adaptar e criar a partir do material elaborado, mesmo que seja para fins comerciais, mas desde que quem usar atribua o devido crédito à autoria inicial da obra.

Outro ponto importante a ser destacado são as produções compartilhadas nos dois Anais, que, ao serem publicadas, atribuem os direitos ao autor do trabalho publicado, também sob uma licença CC – BY (figura 9):

10. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/index>.

11. <http://www.letras.ufmg.br/profs/anamatte/>.

Licença

Copyright (c) 2021 Elaine Teixeira da
Silva



Este trabalho está licenciado sob uma
licença [Creative Commons Attribution 4.0
International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Figura 9: Publicação de trabalho nos Anais do EVIDOSOL/CILTec – Online

Essas declarações de direitos autorais com base em licenças abertas inserem os autores das obras publicadas no contexto dos REA ao terem os seus trabalhos divulgados como um material que pode servir de base para consulta por outros, de forma livre e democrática, e os faz saber da importância da divulgação científica nos princípios da CA.

Com as suas produções caracterizadas como REA, o Grupo Texto Livre amplia ainda mais a oportunidade do conhecimento como um direito de todos e todas, fazendo-se valer da pedagogia paulofreireana, uma vez que os seus princípios ideacionais contribuem para uma educação libertadora, com base na Ciência Aberta, sendo a Cultura Livre, na forma dos *softwares* livres/abertos e das licenças abertas, o alicerce para o desenvolvimento das produções realizadas pelo TL.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, o que Paulo Freire e Ciência Aberta têm em comum? A educação libertadora enxerga o educando como o sujeito da História e compreende, a partir deste olhar, a comunicação entre educador-educando em uma relação horizontal. Nesse sentido, a CA estabelece uma relação com a educação por meio de uma grande cadeia de aprendizagem, a partir dos padrões notados pelos seus próprios membros. O diálogo entre a Ciência Aberta e o Grupo Texto Livre se baseia nas gerações de recursos abertos que sejam capazes de permitir autorias, ações afirmativas, acesso e,

principalmente, liberdade de uso de tecnologias capazes de promover uma relação com a produção de conhecimento gratuita, plural e de possibilidade para todos.

O Texto Livre, desde a sua idealização, esteve em coerência com a CA, por entender que a extensão dela precisa ser difundida no campo universitário. Isso criaria recursos abertos e a apropriação do uso de *softwares* livres em todas as produções, desde as de caráter teórico, até os eventos que são promovidos anualmente pelo grupo de pesquisa. Cabe destacar que o Grupo sempre busca realizar as devidas adaptações das diversas experiências de colaboração promovidas dentro das comunidades de *software* livre.

Todos os eventos e as produções do Texto Livre se estabelecem na rede como um interlocutor com os Recursos Educacionais Abertos (REA), oferecendo variadas oportunidades para a formação de alunos, de professores e de pesquisadores ligados à política de acesso a materiais gratuitos, colaborativos e inclusivos.

Portanto, o Texto Livre atua como um eixo norteador de acesso a espaços gratuitos, conectados aos princípios da Cultura Livre, promovendo uma educação libertadora, que torna possível transformar relações, promover autorias de vida, compartilhar conhecimento e colaboratividade. Viva a Cultura Aberta e o Texto Livre!

REFERÊNCIAS

- ABNT. **NBR ISO/IEC 26300**. 2018. Disponível em: <https://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=1549>. Acesso em: 02 out. 2021.
- ALBAGLI, S.; CLINIO, A.; RAYCHTOCK, S. Ciência Aberta: correntes interpretativas e tipos de ação / Open Science: interpretative trends and types of action. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2014. DOI: 10.18617/liinc.v10i2.749. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3593>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- BONILLA, Maria Helena Silveira. Software Livre e Educação: uma relação em construção. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 205-234, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014V32N1P205>. Acessado em: 1 out. 2021.
- BUTCHER, N. **Um Guia Básico sobre Recursos Educacionais Abertos (REA)**. Tradução da UNESCO. Paris, França: UNESCO e COL, 2011. Disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/publications/basic_guide_oer_pt.pdf. Acesso em: 19 de set. 2021.
- CADWALLADR, C. Stewart Brand's Whole Earth Catalog, the book that changed the world. *In: The Guardian*. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2013/may/05/stewart-brand-whole-earth-catalog>. Acesso em: 02 out. 2021.
- Free Software Foundation. **O Sistema Operacional GNU**. 2021. Disponível em: <https://www.gnu.org/licenses/licenses.pt-br.html>. Acesso em: 02 out. 2021.

- LESSIG, L. **Cultura Livre**. Tradução de Fábio Emílio Costa, 2004, p. 255. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/educacao/docs/10d.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2022.
- LibreOffice. **The Document Foundation**. 2021. Disponível em: <https://pt-br.libreoffice.org/>. Acesso em: 02 out. 2021.
- LKO – Linux Kernel Organization. **The Linux Kernel Archives**. 2021. Disponível em: <https://www.kernel.org/>. Acesso em: 02 out. 2021.
- MANSUR, A. F. U. **Percursos metodológicos à complexidade em ambientes de aprendizagem em rede**: uma proposta pela Rede de Saberes Coletivos (ReSa) em curso de Administração. Tese. Porto Alegre: UFRGS. 2011.
- MANSUR, A. F. U.; GOMES, S. S.; LOPES, A. M. A.; BIAZUS, M. C. V. Novos rumos para a Informática na Educação pelo uso da Computação em Nuvem (Cloud Education): Um estudo de Caso do Google Apps. In: CIAED – CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 16., 2010. **Anais...** Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2010/CD/252010112729.pdf>. Acesso em: 02 out. 2021.
- MATTE, A. C. F. **Sementes de Desenhos Instrucionais Digitais**: Moodle no Ensino Superior. Coleção Texto Livre: Pensemeando o Mundo, Tomo VI. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- MATTE, A. C. F. Por que usar software livre seria uma opção educacional? **EmRede – Revista De Educação a Distância**, vol. 5, n. 2 p. 336-353, 2018. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/339>. Acesso em: 19 de set. 2021.
- OPEN SOURCE. **The Open Source Definition**. 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070611152544/https://opensource.org/docs/osd>. Acesso em: 02 out. 2021.
- OPEN CULTURE. **The Best of Open Culture 2011**. Disponível em https://www.openculture.com/2012/01/the_best_of_open_culture_2011.html. Acesso em: 07 nov. 2022.
- POLK, W. R. **Information wants to be free**: intellectual property and the mythologies of control. University of Pennsylvania. 2003. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20101226054908/http://www.law.upenn.edu/fac/pwagner/wagner.control.pdf>. Acesso em: 02 out. 2021.
- SCHUMPETER, J. **The Theory of Economic Development**. Cambridge: Harvard University Press, 1934.
- SAXENA, A. N. **Invention Of Integrated Circuits**: Untold Important Facts [S.l.]: World Scientific, 2009.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Inclusão digital, software livre e globalização contra-hegemônica. In: CGEE (Org.). **Seminários Temáticos para a 3ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação**. Parcerias Estratégicas: Brasília, n. 20, parte 1, p. 459-485, 2005. Disponível em: <https://portal.tcu.gov.br/biblioteca-digital/seminarios-tematicos-para-a-3-conferencia-nacional-de-ciencia-tecnologia-e-inovacao-parte-1.htm>. Acesso em: 1 out. 2021.
- RAMIREZ-MONTOYA, S. M.; GARCIA-PEÑALVO, F. G. Co-creación e innovación abierta: Revisión sistemática de literatura. **Revista Comunicar**, v. 54, p. 9-18, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3916/comunicar>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- Texto Livre. Plataforma de Eventos do Grupo Texto Livre. Grupo Texto Livre: Semiótica e Tecnologia. **Fábrica de Software Livre**. Disponível em: <https://eventos.textolivre.org/moodle/course/view.php?id=14>. Acesso em: 04 out. 2021.

Texto Livre. **Diretrizes para la elaboración de políticas de recursos educativos abiertos**, 2019.

Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pfo000373558>. Acesso em: 19 de set. 2021.

UNESCO. **Proyecto de recomendación sobre los Recursos Educativos Abiertos (REA)**. 2019.

Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pfo000370936_spa. Acesso em: 03 nov. 2022.

SOBRE OS AUTORES:

Elaine Teixeira é Mestranda em Estudos Linguísticos, na área da Linguística Aplicada, linha Linguagem e Tecnologia, (Universidade Federal de Minas Gerais), Especialista em Ensino de Língua Espanhola (Universidade Candido Mendes) e licenciada em Letras Português/Espanhol (Centro Universitário São José de Itaperuna). Docente da educação básica na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. É integrante do Grupo Texto Livre e do projeto REALPTL, ambos com sede na UFMG. Suas pesquisas se relacionam com Linguagem e Tecnologia, Recursos Educacionais Abertos, Multimodalidade e Multiletramentos.

E-mail: elaine.ts@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3673-2134>.

Bárbara Amaral da Silva é Mestre e doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, (Universidade Federal de Minas Gerais), tendo como área de pesquisa a Análise do Discurso. Atualmente, cursa a especialização Linguagens, Tecnologias e Educação/EAD (Universidade Federal de Minas Gerais) e, ainda, realiza pós-doutorado (University of Windsor). Tem experiência na área da Linguística do texto e do discurso, com pesquisa nos seguintes temas: análise do discurso, argumentação, retórica, gêneros do discurso, letramentos e tecnologias na educação.

E-mail: barbara.amaral87@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1469-9575>.

Fábio dos Santos Coradini é Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc), Área de Concentração Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professor Militar e Funcionário Público Federal das Forças Armadas – Marinha do Brasil. Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Augusto Motta (2009).

Especialista em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Universitário Augusto Motta (2011); Planejamento, Implementação e Gestão em Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (2015); Design Instrucional para EaD Virtual pela Universidade Federal de Itajubá (2015), Mídias na Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2018) e Tecnologia, Formação de Professores e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá (2018). É integrante do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC/UFRRJ) e do Grupo Texto Livre (UFMG).

E-mail: fabiocoradinic@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8134-5523>.

Lohaine Miguez Martins é Pós-graduada em Cultura, Patrimônio e Educação (Instituto Federal Fluminense – IFF). Tem licenciatura em Letras, com habilitação em Literatura (Centro Universitário São José de Itaperuna – UNIFSJ) e, atualmente, cursa Administração de Empresas (Universidade Candido Mendes – UCAM).

E-mail: lohainemiguez@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2998-4245>.

Recebido em 13 de dezembro de 2021 e aprovado em 17 de novembro de 2022.